

Ensaio

Poesia Etnográfica: Só o ESPÍRITO DE RAÇA nos une!* **Ethnographic Poetry: Only the RACIAL SPIRIT unites us!**

Josinelma Ferreira Rolande

Doutoranda em Antropologia Social pela UNB.

Mestra em Ciências Sociais e graduada em Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas, ambos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Arte-educadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA).

E-mail: nelmarolande@gmail.com

Querida Raquel Tupinambá,

Espero que estes rabiscos te encontrem bem!

O motivo deste contato é para te pedir que leia com atenção o meu "ensaio surrealista". Chamo de ensaio surrealista, porque, como você poderá observar, é um texto feito de fragmentos, uma *bricolage*... um "acaso objetivo", que às vezes pode parecer sem pé nem cabeça, mas nenhuma linha é acaso. Todo o texto foi construído a partir de muitas referências, muitas das quais desconhecia; talvez você também não as conheça, o que pode fazer o texto parecer ainda mais confuso. Independentemente de você conhecer ou não as referências deste texto, desejei compartilhá-lo contigo porque você carrega a história do povo Tupinambá, do povo que ficou conhecido como canibal/antropófago – só para citar Oswald de Andrade. O povo que Alfred Métraux, etnólogo que esteve em constante contato com os artistas vanguardistas, imortalizou em suas etnografias. E o que tudo isso tem a ver com meu ensaio?

Raquel, as relações com meu texto dizem respeito à metáfora do canibalismo propagada pelas vanguardas artísticas na primeira metade do século XX. Da Europa à América falava-se em canibalização do primitivo: negros, indígenas, caipiras... todos devorados por uma elite intelectual que se tornava moderna canibalizando primitivos, um verdadeiro paradoxo.

*Trabalho final apresentado à disciplina **História da Antropologia: Autores Clássicos 2**, ofertada em 2019.2 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Este texto fez parte de um empreendimento coletivo, quando três mulheres negras (**Zane do Nascimento**, **Aisha - Angéle Diénee eu**) e uma indígena (**Raquel Sousa Chaves**) nos reunimos para construirmos juntas nossos trabalhos de conclusão da disciplina. Compilamos e entregamos nossos textos no formato de uma revista, nomeada Revista Curacanga (palavra do tupi-guarani – *cunhãacanga* –, que significa cabeça de mulher), uma referência às narrativas na Baixada Ocidental Maranhense sobre mulheres negras que têm relações com terreiros de religiões de matriz africana: “Toda sexta-feira à noite, a velha deixava o corpo atrás da porta de casa e a cabeça dela se transformava numa bola de fogo e saía pela cidade e pelo campo fazendo visagem pras pessoas”. As Curacangas são mulheres pretas que têm suas cabeças temidas. Logo, não foi acaso que escolhemos a palavra Curacanga para nomear uma revista composta dos nossos trabalhos, pensamentos de mulheres negras e indígena.

Colagem: Nelma Rolande

Como você perceberá, comecei trazendo imagens desse paradoxo e situando as relações entre a antropologia e o surrealismo, um dos movimentos de vanguarda que atraiu muitos artistas para a etnologia. Essa atração possibilitou escritas etnográficas extremamente influenciadas pelo surrealismo. Em alguns contextos, como é o caso da Martinica, essa escrita tornou-se revolucionária. E é aí que você entra como herdeira do canibalismo tupinambá. Raquel, você soube ressignificar modernamente a sua herança canibal; sabiamente, vem devorando aqueles que devoraram os teus, canibalizando a academia e seus conceitos antropológicos com a mesma perspicácia de Suzanne Roussi-Césaire.

Recordo-me bem das leituras sobre as quais compartilhamos nossas impressões, dos textos que nos atravessaram durante o primeiro ano do doutorado. Parecíamos unidas por uma *consciência canibal*, que nos mostrava a carne dos nossos sendo devorada; agora, era a nossa vez de devorarmos aqueles que devoraram nossos ancestrais e utilizarmos essa canibalização a nosso favor.

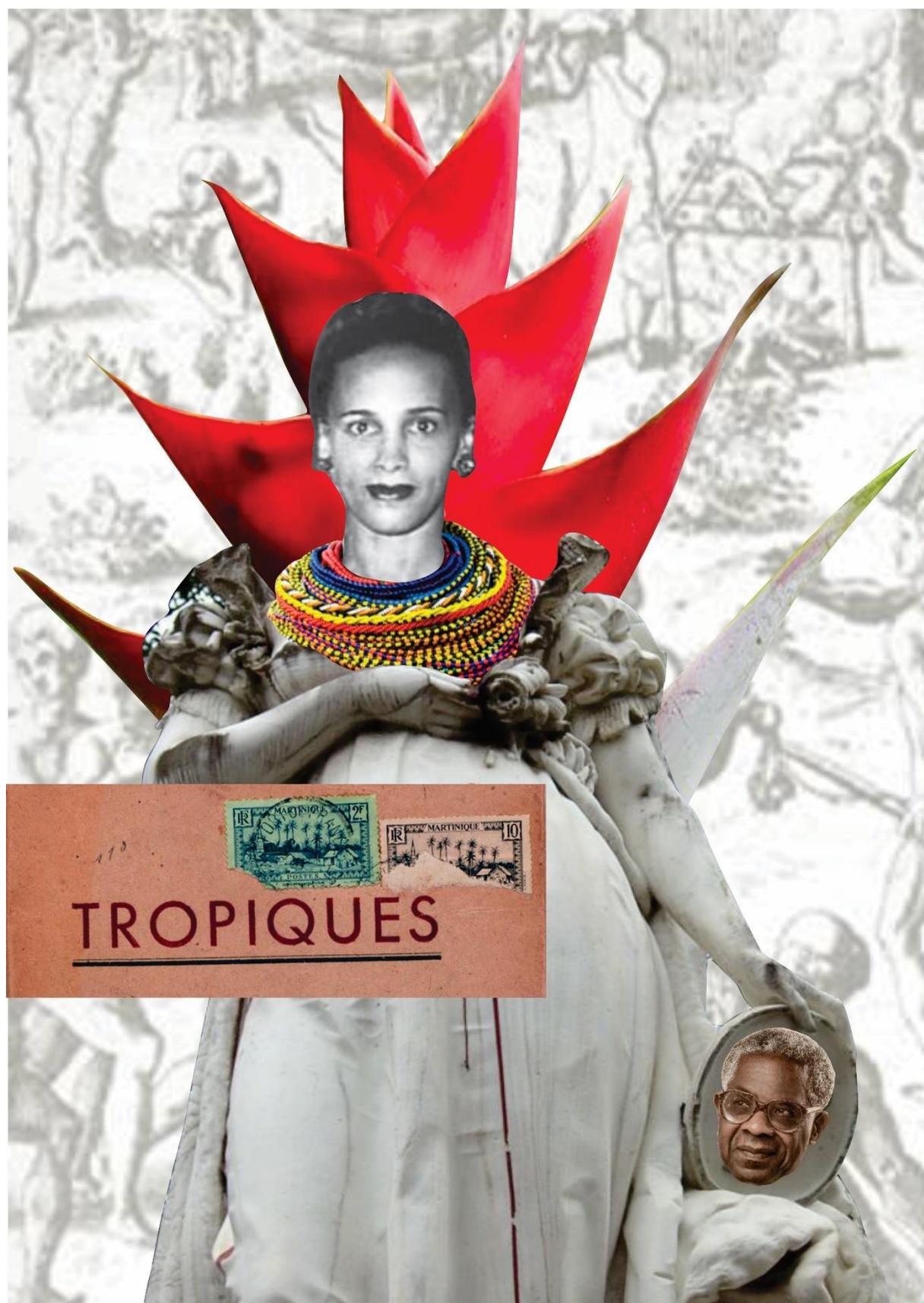
Aproveito a oportunidade para saber das suas impressões sobre o título do ensaio, “**Poesia Etnográfica. Só o ESPÍRITO DE RAÇA nos une!**”. Talvez você não concorde muito com o “espírito de raça” e prefira *consciência racial*, mas optei por “espírito de raça” como referência a Jane Nardal e acredito que as ideias dela vão se desdobrar no conceito de consciência racial. Portanto, esse *espírito* ao qual me refiro no título e ao longo do texto nada mais é que *consciência*.

Para além do título, gostaria de saber como este texto te atravessa.

Confesso que sempre fui muito deslumbrada com o modernismo brasileiro, pois, durante a minha graduação em Arte, não me foi apresentada uma análise crítica do movimento. Somente agora, no doutorado em Antropologia, a partir de leituras sobre etnografia e surrealismo martinicano, resolvi me voltar para o Brasil e entender o não dito na Arte Moderna Brasileira. Foi preciso o encontro entre arte e antropologia para gerar em mim tais questionamentos. Logo, espero que o encontro entre biologia e antropologia possa te direcionar a muitos caminhos e dúvidas em torno do que geralmente nos é colocado como certeza.

Que a poesia etnográfica de Suzanne Roussi-Césaire nos inspire!

Com afeto, Nelma Rolande!



Sonhei com Saartjie Baartman voltando para casa!

Sonhei com a artista Joséphine Baker, nem primitiva, nem moderna, apenas artista!

Sonhei com máscaras e esculturas africanas, tudo empilhado no Museu Trocadéro. Sobre os artistas, ninguém sabia, apenas que eram primitivos, mas seus objetos, modernos: SURREALISTAS!

Sonhei com casinhas coloridas no interior das Minas Gerais. Quem morava nas casinhas? Caipiras, pintados pelo homem MODERNO!

Sonhei com um homem-planta, era um MODERNO PRIMITIVO!

Pensamento Selvagem

Mentalidade Primitiva

Feitiçaria e inconsciente

Grotesco e irracional

É Primitivo! É Surreal!

Vamos viajar?! Brasil – Paris – Martinica! O primeiro desembarque deste navio é no entreguerras, no entremeio: Paris! Ali, me deparo com um grupo de artistas negros, *Revue Nègre*, apresentando um espetáculo de música e dança. Enquanto Joséphine Baker dançava, meu inconsciente projetava a imagem de Saartjie Baartman sobre seu corpo, transformando essas mulheres em um só corpo, admiradas/desejadas por uma branquitude de negrófilos⁶².

“É a grande moda: arte negra, música negra, dança negra, esporte negro e Josephine Baker! Desenvolve-se, entre 1910 e 1930, uma verdadeira negrofilia”⁶³.

Saartjie Baartman no *Musée de L’Homme*!

Joséphine Baker no *Théâtre des Champs Elysées*!

Para os brancos, exótico! Primitivo!

Para os negros, o nascimento de um “*espírito de raça*”⁶⁴

⁶²“Negrophilia is thus about western culture exploring its perceptions of difference in such a way that best reflects white people rather than their exoticised subjects (ARCHER-STRAW, 2000). Tradução(minha): “A negrofilia é, portanto, sobre a cultura ocidental explorar suas percepções da diferença da forma que reflete melhor as pessoas brancas que seus sujeitos exotizados”.

⁶³Abdul Sylla (2006).

⁶⁴Jane Nardal (1928).

Nessa mesma Paris da *Revue Nègre*, dos anos 1920, o desencontro entre André Breton e Michel Leiris possibilitou o encontro entre arte e antropologia, surrealistas/etnólogos interessados pelo exótico. Nesse encontro e nessa busca pelo exótico, é possível traçar um esquema de parentesco, em que professores se tornam pais e estudantes se tornam filhos. Lei do Patriarcado! Laços de afinidade! Afins! A fim de fazerem do exótico uma identidade nacional!

É possível traçar uma linhagem de André Breton, com o Manifesto Surrealista (1924/1925), passando por Oswald de Andrade e seu Manifesto Antropófago (1928), até chegar aos Césaires e à revista *Tropiques* (1941-1945).

Nessa linhagem patriarcal, temos como grande pai: Marcel Mauss! Os filhos: Georges Bataille, Michel Leiris... – dissidentes surrealistas –, todos assentados no Instituto de Etnologia, ouvindo o mestre. Não são apenas surrealistas frequentando aulas de etnologia, mas se tornando etnógrafos. Eis que surge o surrealismo etnográfico, em constatare “*conexão com o modernismo do Terceiro Mundo e com o nascente discurso anticolonial*”⁶⁵!

Surrealismo e Etnografia,

companheiros de viagem em suas expedições! Arte e Ciência do/sobre o OUTRO. O exótico mediando e interconectando arte e antropologia.

Não por acaso Michel Leiris anunciou: “*cheguei à antropologia pela arte negra*”⁶⁶.

Surrealismo e Etnografia,

desbravando África, Missão Dakar-Djibout, na busca pelo exótico, na exploração de novos territórios, lá onde se encontra a flor amor-perfeito.

E se é para falar de pensamento, Leo Frobenius com seu alegórico homem-planta e homem-animal, civilização etíope e civilização hamítica respectivamente. Cada uma com seu Paideuma!

Ainda em Paris, encontramos objetos e palavras – caminhando lado a lado – em museus e revistas, respectivamente.

Sobre objetos, metamorfoses – de *Musée do Trocadéro* a *Musée de l’Homme* e, por último, *Musée Quai Branly, là où dialoguent les cultures*. Lá onde dialogam as culturas? De quem são os objetos?

⁶⁵James Clifford (2002, p. 176).

⁶⁶Michel Leiris (1930, p. 414 *apud* Fernanda Arêas Peixoto, 2011, p. 206).

Sobre palavras, quem fala por mais tempo – *Documents* (1929-1930), *Légitime défense* (1932 – publicou um único número) e *Minotaure* (1933-1939). De quem são as palavras da revista de um único número? Martinicanos!

Encontramos em Paris, em 1923, cometendo atos canibalistas, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Alimentando-se das vanguardas artísticas europeias. Comendo e sendo comido! Movido por um “espírito latino”. Era modernismo, e Oswald discorria na Sorbonne sobre contemporaneidade: “*L’effort intellectuel du Brésil contemporain*”⁶⁷.

Por que suprimir o negro e o indígena da publicação no Brasil?

Suprimidos: “*jamais se sentiu tão bem em Paris o som dos tambores do negro e do canto do indígena. Essas forças étnicas estão em plena modernidade*”⁶⁸.

Suprimidos no Brasil, pintados na França por Tarsila do Amaral, “A Negra”. Imagem que se mescla à paisagem primitiva das vanguardas europeias.

Descoberto o Brasil por brasileiros na França!

“*Só me interessa o que não é meu*”⁶⁹.

Quem se alimenta do quê?

Vanguardas artísticas europeias devoram a arte negra. NEGROFILIA⁷⁰!

Nesse contato cultural, os modernistas brasileiros, Tarsila e Oswald, devoraram as vanguardas europeias ou a arte negra?

Deixemos a França e seus interesses pela África, pelo PRIMITIVO! Sigamos viagem para o Brasil, não menos interessado pelo primitivo. Esta expedição segue para as Minas Gerais; desembarcamos no interior das Minas, lá onde as casinhas são coloridas. Quem são os caroneiros desta “*viagem da descoberta do Brasil*”⁷¹, desta Missão-Caipira? Os brasileiros Oswald de Andrade e seu filho Nonê, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Olívia Guedes Penteadó, Paulo Prado, René Thiollier, Godofredo da Silva Teles e o francês Blaise Cendrars⁷².

As relações França-Brasil perdurando, atravessando mares.

⁶⁷Publicado em julho de 1923 na *Revue de l’Amérique Latine*, França, e também em dezembro de 1923 na *Revista do Brasil*, de propriedade de Monteiro Lobato. Na versão publicada na *Revista Brasil*, vários trechos foram suprimidos. Ver Dilma Diniz (2003).

⁶⁸Oswald de Andrade (1923 *apud* Thiago Virava, 2016).

⁶⁹Oswald de Andrade (1928).

⁷⁰Petrine Archer-Straw (2000).

⁷¹Marcelo Burgos Pimentel dos Santos (2012, p. 22).

⁷²Ibid.

“Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino”⁷³.

“ACASO OBJETIVO”!

Poesia do bricolage! “os elementos que o briconler coleciona e utiliza são ‘pré-limitados’”⁷⁴.

Quais os limites do “acaso objetivo”?

Quais os limites na construção de uma identidade brasileira?

O que não cabe no modernismo brasileiro?

Onde fica o negro? Manobrando a locomotiva?

Onde fica o indígena? Metáfora para a antropofagia?

O que digeriram de Wagner, do homem “bárbaro e nosso”?

Por que o som dos tambores do negro e do canto indígena é publicado na França, mas no Brasil é suprimido, transformado em metáfora? Um jogo de estar e não estar? Nunca esteve?

“A cultura negra seguiu preterida, indigesta”⁷⁵!

“Nosso mulato usava máscaras brancas”⁷⁶.

Rosana Paulino, munida de um “espírito de raça”, nos reconta essa história usando a mesma técnica dos surrealistas/modernistas, a mesma metáfora que Lévi-Strauss usou para discorrer sobre o pensamento mítico: *bricolage*!

*Histórias Revisitadas*⁷⁷!

O negro e o indígena escapando às formas coloridas do modernismo, dentro e fora.

Nunca completamente dentro!

Não cabe!

“Só a ANTROPOFAGIA nos une”⁷⁸?

Só o ESPÍRITO DE RAÇA nos une: NEGRITUDE!

Retornemos à França, à Paris negra.

Martinicanas canibais! Lições sobre como devorar o outro, Jane Nardal:

⁷³Oswald de Andrade (1924).

⁷⁴Claude Lévi-Strauss (2010, p. 35-38).

⁷⁵Bahia (2018, p. 45).

⁷⁶Ibid.

⁷⁷Série de obras da artista Rosana Paulino, na qual ela faz uma crítica ao Modernismo.

⁷⁸Oswald de Andrade (1928).

“*Se o Negro quer conhecer a si mesmo, afirmar sua personalidade e não ser a cópia deste ou daquele tipo de outra raça [...], ele deve aprender a tirar proveito da experiência adquirida e da riqueza intelectual dos outros, mas para conhecer melhor a si mesmo e afirmar sua personalidade*”⁷⁹.

Consciência racial!

Enquanto Oswald de Andrade palestrava na Sorbonne e Tarsila do Amaral pintava “*A Negra*”, uma comunidade intelectual negra se reunia no *Salón Clamart*, das irmãs Nardal:

Paulette, Emilie, Alice, Jane, Lucy, Cécile e Andrée⁸⁰.

Salón Clamart, a diáspora africana em debate: colonialismo, assimilação, consciência racial.

Salón Clamart, a diáspora africana produzindo ARTE!

Salón Clamart, a diáspora africana escrevendo e pintando sobre si mesma:

La Revue du Monde Noir (1931)⁸¹

Légitime défense (1932)⁸²

L'étudiant noir (1934)⁸³

Tropiques (1941)⁸⁴

La Femme dans la Cité (1944)⁸⁵

Eis a diferença entre os intelectuais brasileiros e os intelectuais martinicanos na Paris dos anos 1920:

ESPÍRITO DE RAÇA!

É esse mesmo espírito que conduz este barco à Martinica de Suzanne Roussi-Césaire: “*Aqui somos chamados finalmente a conhecer a nós mesmos, e aqui diante de nós surgem esplendor e esperança*”⁸⁶.

O Surrealismo é a luz guia!

A etnografia de Leo Frobenius conduz a uma nova/outra leitura sobre África.

⁷⁹ “If the Negro wants to know himself, assert his personality, and not be the copy of this or that type from another race [...] he must learn to profit from others' acquired experience and intellectual wealth, but in order to know himself better and to assert his personality” (Jane Nardal, 1928, p. 106).

⁸⁰ Emily Church (2013) e Rosânia do Nascimento (2016).

⁸¹ “La Revue du Monde Noir/Review of the Black World, the bilingual journal the Nardals cofounded with cousin Louis-Thomas Achille in 1931” (Jennifer M. Wilks, 2008, p. 29-30). Tradução: Revista do Mundo Negro, o jornal bilíngue que as Nardals cofundaram com um primo, Louis-Thomas Achille, em 1931.

⁸² Panfleto marxista-surrealista publicado pelos martinicanos René Mênil, Étienne Léro e outros colaboradores. Trace Sharpley-Whiting (2002).

⁸³ Jornal editado pela *Association des étudiants martiniquais en France*, da qual faziam parte Léopold Sédar Senghor, Léon Damas e Aimé Césaire; esse último presidiu-a entre 1934 e 1935. “O objetivo da publicação era propor uma união dos estudantes pela cor e não pela nacionalidade” (Cássio Santos Melo, 2019).

⁸⁴ Lançada por Aimé Césaire, Suzanne Roussi-Césaire e René Mênil na Martinica, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

⁸⁵ Jornal fundado por Paulette Nardal em 1944 (Emily Musil Church, 2013).

⁸⁶ “Here we are called upon finally to know ourselves, and here before us stand splendor and hope” (Suzanne Roussi-Césaire, 1942, p.134).

“A ideia de ‘negro bárbaro’ é uma invenção europeia”⁸⁷!

A Europa rumo ao exílio, parada na Martinica: André Breton, André Masson, Lévi-Strauss.

Surrealistas e etnógrafos, todos canibais!

Devorando *Tropiques*!

Devorando o homem-planta martinicano!

Devorando Suzanne Roussi-Césaire!

Devorando Leo Frobenius!

André Masson, imagens vegetais!

Lévi-Strauss, flor amor-perfeito!

André Breton, energia vegetal⁸⁸!

“Por que no passado estávamos tão despreocupados em contar nossas preocupações ancestrais diretamente?”⁸⁹

Antes, foi preciso comer o outro; isso implica dizer comer a si mesmo: antropologia frobeniana (ÁFRICA) e surrealismo francês (ÁFRICA)! A fórmula do surgimento do surrealismo etnográfico de Roussi-Césaire.

A poesia etnográfica de Roussi-Césaire não coube entre os clássicos, apenas os dissidentes!

E por que não falar em um surrealismo autoetnográfico? Já que, nas ilhas caribenhas, “até os anos 1940, acadêmicos nativos do Haiti, de Cuba ou de Porto Rico estavam mais dispostos do que estrangeiros a aplicar as ferramentas da análise antropológica ao estudo de seus conterrâneos”⁹⁰.

Sem primitivos, sem interesses acadêmicos estrangeiros!⁹¹

Sem primitivos, com interesses acadêmicos nativos!

A negritude martinicana canibaliza o surrealismo, digerindo-o como projeto revolucionário.

“E agora um retorno a nós mesmos!”⁹²

Conhecimento de si! Sem essencialismos!

“Não se trata de um retorno ao passado, de ressuscitar um passado africano que aprendemos a apreciar e respeitar. Pelo contrário, é uma questão de mobilizar todas as forças vivas misturadas nesta terra onde a raça é o resultado da

⁸⁷Leo Frobenius *apud* Trace Sharpley-Whiting (2002, p. 91).

⁸⁸Maria Clara Bernal, 2008, p. 43.

⁸⁹ “Why is it that in the past we have been so unconcerned about telling our ancestral worries directly?” (Suzanne Roussi-Césaire, 1942, p. 130).

⁹⁰Michel-Rolph Trouillot (2018, p. 200).

⁹¹ “Com uma população predominantemente não branca, o Caribe não era ‘ocidental’ o suficiente para se adequar aos interesses de sociólogos. Todavia, não era ‘nativo’ o suficiente para se encaixar totalmente no compartimento selvagem no qual os antropólogos buscavam seus objetos de estudo favoritos” (Michel-Rolph Trouillot, 2018, p. 200).

⁹²Jennifer M. Wilks (2001, p. 128).

*brasagem mais contínua; é uma questão de tomar consciência do tremendo amontoado de várias energias que até agora temos trancado dentro de nós mesmos. Agora devemos colocá-las em uso em sua plenitude, sem desvio e sem falsificação. Bem ruim para aqueles que pensavam que éramos sonhadores ociosos*⁹³.

De objeto à sujeito:

*“Agora se tratava dos “colonizados” falando por si mesmos, e se instrumentalizando através dos artefatos-conceitos produzidos no/pelo Ocidente”*⁹⁴.

Resultados do canibalismo da negritude martinicana:

Primitivismo positivado! Moderno e coetâneo!

O primitivo martinicano não é um outro, mas um eu mesmo! Não é um “bárbaro e nosso”!

Se o humanismo do pós-guerra não serve, fiquemos com o “espírito de raça”!

Sigamos viagem, mas, antes, um retorno a Paris.

*“Nós devemos agir”*⁹⁵!

Libertemos Saartjie Baartman! E que ela possa embarcar conosco na primeira classe deste navio, de onde possa contemplar a imensidão do mar e nos narrar a história do seu povo em primeira pessoa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. 1928. **O Manifesto antropófago**. Revista de Antropofagia, Ano I, No. I, maio de 1928. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

ANDRADE, Oswald de. 1924. **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**. Correio da Manhã, 18 de março de 1924. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>

ARCHER-STRAW, Petrine. 2000. **Negrophilia**. Published by Thames & Hudson. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2000/sep/23/features.weekend>

BAHIA, Charles Nunes. 2018. **Apropriação cultural antropofágica e as máscaras brancas do racismo indigesto**. Complexitas - Rev. Fil. Tem., Belém, v. 3, n. 2, p. 40-53, jul./dec.

⁹³ “It is not a question of a return to the past, of resurrecting an African past that we have learned to appreciate and respect. On the contrary, it is a question of mobilizing every living force mingled together on this land where race is the result of the most continuous brazing; it is a question of becoming conscious of the tremendous heap of various energies we have until now locked up within ourselves. We must now put them to use in their fullness, without deviation and without falsification. Too bad for those who thought we were idle dreamers” (Suzanne Roussi-Césaire, 1942, p. 134).

⁹⁴Magdalena Toledo (2014, p. 14).

⁹⁵ “We shall act” (Suzanne Roussi-Césaire, 1942, p. 134).

BERNAL, Maria Clara. 2008. **El encantador de serpientes**: sueños de paisajes lejanos. Revista de Estudios Sociales No. 30. Pp. 148. ISSN 0123-885X Bogotá, Pp.38-45.

CHURCH, Emily Musil. 2013. **In search of seven sisters**: a biography of the Nardal Sisters of Martinique. Callaloo 36.2 (2013) 375–390.

CLIFFORD, James. [1981] 2002. **Sobre o surrealismo etnográfico**. In: GONÇALVES, José Reginaldo (org). A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. 2003. **A gênese da Poesia Pau-Brasil**: um escritor brasileiro na França | UFMG Belo Horizonte, p. 1-324. O eixo e a roda: v. 9/10.
Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

LÉVI-STRAUSS, C. 2010 [1962]. **O Pensamento Selvagem**. 11. ed. Campinas: Papiрус.

MELO, Cássio Santos. 2019. **Castro Soromenho e o movimento da Negritude Africana**. ANPUH – Brasil – 30º Simpósio Nacional de História.

Disponível em:

https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565307643_ARQUIVO_C.Soromenhoemov.daNegritudeAfricana.Anpuh2019Recife.pdf

NASCIMENTO, Rosânia O. do. **Femmes en négritude**: intelectuais negras silenciadas. In: Entre-Lugar, Dourados, MS, v. 7, n.13, 2016.

Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/6634>

PEIXOTO, Fernanda Arêas. 2011. **O Olho do etnógrafo**. Sociologia & Antropologia | v.01.02: 195 – 215.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752011000200195

SHARPLEY-WHITING, Tracy Denean 2002 [1942] (Org.). **Negritude Women**. Minneapolis: University of Minnesota.

SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos. 2012. **Viagens de Mário de Andrade**: a construção cultural do Brasil. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo.

SYLLA, Abdul. 2006. **Criação e imitação na arte africana tradicional**. In: África e africanias de José de Guimarães. Museu Afro-Brasil (catálogo de exposição), pp. 21-85.

TOLEDO, Magdalena Sophia Ribeiro de. 2014. **Marronismos, bricolagens e canibalismos**: percursos de artistas e apropriações de Aimé Césaire na Martinica contemporânea. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional. Rio de Janeiro.

TROUILLOT, Michel-Rolph. 2018. **A região do Caribe**: uma fronteira aberta na teoria antropológica. Afro Ásia, nº 58, pp. 189-232.

VIRAVA, Thiago Gil de Oliveira. 2008. **Vantagens do caos brasileiro**: o Brasil que Oswald de Andrade descobriu em Paris. 59 ARS, ano 16 n. 33.

WILKS, Jennifer M. 2008. **Race, gender, and comparative Black modernism**: Suzanne Lacascade, Marita Bonner, Suzanne Césaire, Dorothy West. Published by Louisiana State University Press.